

**OLAVO BILAC E MANOEL BONFIM, AUTORES DE ATRAVEZ DO
BRASIL (1910):
UMA PROPOSTA EDUCATIVA PARA O BRASIL DO COMEÇO DO SÉCULO XX**

*Enrique Rodrigues-Moura**

Resumo: Este texto estuda o livro *Atravez do Brasil: livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias* (Rio de Janeiro, 1910), escrito a quatro mãos entre o poeta Olavo Bilac, e o intelectual Manuel Bonfim. Os objectivos do livro, "aprender a conhecer um pouco o Brasil", formar nação, e apresentar lições de moral que ajudem a "cultivar a bondade", seguem de perto dois históricos livros europeus *Le tour de la France par deux enfants: devoir et patrie* (1877), de G. Bruno, pseudónimo de Mme. Alfred Fouillée, e *Cuore* (1886), de Edmondo De Amicis. O livro fala ao sentimento da criança, desde o coração, para que a mensagem de um Brasil civilizado e nacionalista, defendida pela Primeira República, segundo os modelos das grandes nações europeias e dos Estados Unidos, deixe uma forte marca no jovem leitor. Voltar a esta proposta ideológica para um possível Brasil, que é anterior à defendida pela Semana de 22, é sempre um acto de reflexão muito enriquecedor.

Palavras-chaves nucleares: Brasil, Bilac, Bonfim, Primeira República, Educação.

Neste fim de século, acabada a guerra fria, os nacionalismos ganharam uma força inusitada que há poucos anos se pensava mais apagada. Nas jovens repúblicas latino-americanas, no entanto, a força dos sentimentos nacionalistas sempre formou parte do discurso oficial dos diferentes governos, e inclusive das oposições a estes, assim como da maioria dos intelectuais e formadores de opinião. É muito importante ter presente que estes nacionalismos latino-americanos devem ser encarados como um processo dinâmico e não como um todo unitário ou construção ideológica estável no tempo. A presente comunicação mergulha numa época concreta, o fim do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, da jovem República Federativa do Brasil e tem como objectivo estudar as modalidades de divulgação do discurso nacionalista dominante no ensino básico. Para isso analisa o livro *Atravez do Brasil*, de Olavo Bilac e Manoel Bonfim, obra fundamental pela importância pública dos seus autores e pela grande difusão que alcançou.

Em 1998 e 1999, nos respectivos encontros anuais da Associação de Latino-americanistas da Áustria, em Strobl, ao pé de Salzburg, já tivemos a oportunidade de apresentar os projectos de outros dois escritores: o gaúcho brasileiro João Simões Lopes Neto (1865-1916) e o boliviano Antonio Díaz Villamil (falecido em 1948).

O primeiro, como já apontou a professora Ligia Chiappini (1988: 97 e ss.), engajou-se no projecto civilizador e patriótico inspirado por intelectuais como Sílvio Romero (1851-1914), Olavo Bilac (1865-1918), Manoel Bonfim (1868-1932) e principalmente nos livros *Educação Nacional*, de José Veríssimo (1857-1916), publicado em 1906, e *Porque me ufano do meu paiz*, de Affonso Celso Júnior (1860-1938), que veio à luz em 1900. Embora não tenha publicado nenhum livro escolar, Simões Lopes Neto divulgou em inúmeras conferências pelo Rio Grande do Sul o ideal modernizador do Brasil republicano. Conservamos, no entanto, diversos depoimentos de familiares próximos ao autor e, mais importante, anúncios escritos do próprio autor, que nos levam a pensar que projectou um livro para crianças que teria levado o nome de *Terra Gaúcha*, o mesmo título que o seu livro de história do Rio Grande do Sul, publicado postumamente graças ao empenho de Manoelito d'Ornellas.

* Universidade de Graz.

O segundo, Antonio Díaz Villamil, professor e dramaturgo de considerável êxito no seu país, publicou, em 1922, na década em que o ensino básico passou a ser obrigatório na Bolívia, o livro *Leyendas de mi tierra*, que propõe uma origem antiquíssima e pacífica para o povo indígena boliviano, quase oitenta por cento da população, ao mesmo tempo que, com grande maestria, estabelece um pacto cordial, por via do amor de dois jovens, com os conquistadores espanhóis, a elite dominante no país. Este livro explica também o nascimento e significado das cores da bandeira, escudo e outros símbolos nacionais.

As bases sociais e económicas do Império brasileiro começaram a se desestabilizar com a Guerra do Paraguai (1865-1870), que deixou um endividamento galopante, pôs em causa a já anacrônica escravidão e facilitou o nascimento do Partido Republicano, em 1870. Começou então a ter o seu espaço uma nova elite de jovens intelectuais, artistas, políticos e militares, a chamada "geração de 70", que ansiava por modernizar e atualizar as arcaicas estruturas do Império, segundo modelos científicos e técnicos vindos da Europa ou dos Estados Unidos. Olavo Bilac e Manoel Bonfim são herdeiros e continuadores dessa corrente modernizadora. O professor Nicolau Sevcenko apresenta um sintético panorama da época:

No afã do esforço modernizador, as novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões abstratos de gestão social hauridos de modelos europeus ou norte-americanos. Fossem esses os modelos da missão civilizadora das culturas da Europa do Norte, do urbanismo científico, da opinião pública esclarecida e participativa ou da crença resignada na infalibilidade do progresso. Era como se a instauração do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento de toda a herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexos co-extensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas. A compreensão dos fenômenos do subdesenvolvimento e das desigualdades inerentes ao sistema de trocas no mercado internacional levou um longo tempo para germinar e adquirir uma significativa substância crítica entre as elites republicanas. E enquanto essa consciência crítica não amadurecia, prevaleceu o sentimento de vergonha, desprezo e ojeriza em relação ao passado, aos grupos sociais e rituais da cultura que evocassem hábitos de um tempo que se julgava para sempre e felizmente superado. (Sevcenko, 1998: 27-28)

Foram esses os anos da belle époque, de grande crescimento capitalista internacional, geração de riqueza, confiança no futuro e a sensação, no Brasil, de que por fim se estava no caminho certo, o das grandes potências mundiais. Essa atmosfera de Regeneração tinha como símbolo máximo os êxitos aeronáuticos de Santos Dumont (1873-1932), o Águia dos Ares, que assombrara Paris por duas vezes, em 1901, contornando a torre Eiffel com um balão dirigível, e em 1917, inaugurando a era das máquinas voadoras com o aparelho 14-Bis. A frase da época era: "A Europa curvou-se ante o Brasil". Em nome deste progresso a todo o custo, a eventual perda de vidas humanas entre as classes populares, seja na Guerra de Canudos, de 1893 a 1897, ou na Revolta da Vacina, em 1904, era um obstáculo que se podia superar facilmente. Não havia escolha, o único caminho possível para o Brasil passava pela modernização, pela fé cega no progresso. Em breve o Rio de Janeiro inaugurava a imponente e parisiense Avenida Central, hoje Rio Branco, e a electricidade permitia que circulasse o "bond amável e modesto, veículo da democracia, igualador de castas, nivelador de fortunas" (Texto de 1903, *O Bond*, publicado em livro em 1904, *Crítica e fantasia*. Citado de Bilac, 1997: 435). A civilização a todos alcançava.

As vidas de Olavo Bilac e Manuel Bonfim possuem vários elementos ideológicos e biográficos em comum, o que nos leva a entender sem problemas o facto de terem colaborado na redacção do livro que aqui analisamos. Pertenciam à mesma geração que propugnava a modernização do Brasil, defenderam as suas ideias nos jornais da época e em várias publicações, ocuparam diversos cargos públicos na Administração educativa do Rio de Janeiro e realizaram frequentes viagens a Europa, principalmente Paris, assim como por diversos estados brasileiros do litoral. No entanto, se a defesa da modernização é tema compartilhado por ambos, o trabalho teórico de mais peso é o que publica Manuel Bonfim em 1903, *A América Latina - Males de origem*. Livro discutível do ponto de vista metodológico, pois estabelece uma tentativa sistemática muito rígida de aplicar ao estudo das sociedades latino-americanas do seu tempo a noção de "parasita" e nação "parasitária", colhida das ciências naturais. Bonfim vem dizer-nos que não há raças inferiores nem raças superiores: o que as diferencia é o benefício de uma boa instrução primária "como caminho para chegarmos à educação integral" (Bonfim, s. d.: 458). Esta afirmação não era pouca coisa para o *establishment* brasileiro, que ainda apontava como solução para o país o embranquecimento da população. Neste livro citado *supra* podemos ler com clareza que os males do Brasil da *belle époque*, eram a fortemente negativa herança de vários séculos de colonialismo:

Em face á civilização, na marcha em que ella vae, e como a conduzem, os povos não têm muito que escolher: ou participam do trotear geral, ou são esmagados. A America latina está ameaçada; a civilização transborda sobre ella, e esse transbordamento será uma ameaça e um perigo, si ella, por um esforço consciente e methodico, não buscar a una salvação possível: avançar para o progresso, entrar no movimento, apresentar-se ao mundo, vigorosa, moderna, senhora de si mesma, como quem está resolvida a viver, livre entre os livres. A este progresso se oppõem males antigos; é mister conhecê-os e conhecer as suas causas essenciais. (Bonfim, s. d.: 419)

...o mal é fundamental, organico, e vem da herança, da educação social e politica, das proprias condições da nossa formação. (Bonfim, s. d.: 420)

O resultado desse passado recalcitrante é esta sociedade que ahí está: pobre, esgotada, ignara, embrutecida, apathica, sem noção do proprio valor, esperando dos céos remedio á sua miseria, pedindo fortuna ao azar - loterias, jogo de bichos, romarias, "ex-votos"; analphabetismo, incompetencia, falta de preparo para a vida, superstições e credências, teias de aranha sobre intelligencias abandonadas.... (Bonfim, s. d.: 429)

Apresentado o problema, visto o panorama desolador da situação social e económica do Brasil devido ao atraso colonial, Manuel Bonfim aponta o caminho beatificador:

Soffremos, neste momento, uma inferioridade, é verdade, relativamente aos outros povos cultos. É a IGNORANCIA, é a falta de preparo e de educação para o progresso - eis a inferioridade effectiva; mas ella é curavel, facilmente curavel. O remedio está indicado. Eis a conclusão ultima desta longa demonstração: a necessidade imprescriptivel de attender-se á instrucção popular, si a America latina se quer salvar. (Bonfim, s. d.: 431)

Um povo não póde progredir sem a instrucção, que encaminha a educação e prepara a liberdade, o dever, a sciencia, o conforto, a arte, e a moral. (Bonfim, s. d.: 435)

Essa confiança na educação como modificadora de comportamentos e salvadora da pátria é inabalável e está comprovada na prática, afirma Bonfim, bastando comparar a situação à época dos países europeus e dos Estados Unidos com os países da América Latina:

São as nações mais cultas e instruidas as mais adiantadas e prosperas. Examinem-se, uma por uma, e achar-se-á uma relação directa entre a diffusão do ensino, a generalisação da instrucção, e o progresso social e economico; aprofunde-se mais o exame, e verificar-se-á que esse progresso é precisamente um effeito immediato. (Bonfim, s. d.: 451)

Embora com menos aparato crítico, Olavo Bilac também defendeu inúmeras vezes a necessidade de adoptar o progresso segundo modelos europeus no Brasil. E é também na educação que Bilac encontra a solução para construir um país novo. Em 1895, compôs o livro *Poesias infantis* com a séria intenção de apresentar um elogio do nova sociedade brasileira privilegiada pela República: "há aqui descrições da natureza, cenas de família, hinos ao trabalho, à fé, ao dever, alusões à história da pátria, pequenos contos em que a bondade é louvada e premiada" (Bilac, 1997: 293). Assim, o trabalho veio para fecundar a vida, como a chuva para fecundar a terra, diz numa das poesias; a pátria deve ser amada com fé e orgulho afirma no *incipit* de outro poema; e para encerrar o livro, entoa um hino à bandera nacional, "símbolo augusto da paz... pavilhão da justiça e do amor". A seguir, outros exemplos da sua confiança no potencial transformador de mentalidades da escola:

*Essa prodigiosa nação (os Estados Unidos), cujo progresso é um padrão de glória para a espécie humana, foi a que mais cedo compreendeu que a felicidade da comunhão depende antes de tudo da consciência de liberdade individual, e que essa consciência da liberdade e esa confiança nas próprias forças devem ser dadas ao homem logo nos primeiros anos de vida. (Conferência proferida no Ginásio Granbery, de Juiz de Fora, sem data, *Instrução e Patriotismo*, incluída no livro *Conferências Literárias*, publicada em 1906 com uma segunda edição revista e aumentada de 1912. Citado de Bilac, 1997: 682).*

*Na sua cadeira de educador, o mestre recebe a visita de um deus: é a Pátria, que se instala no seu espírito. O professor, quando professa, já não é um homem; a sua individualidade anula-se: ele é a Pátria, visível e palpável, raciocinando no seu cérebro e falando pela sua boca. (Conferência proferida a 22 de Março de 1917 na Escola Normal de São Paulo, *A Pátria na Escola*, incluída no livro *Últimas Conferências e Discursos*, publicado postumamente, em 1924. Citado de Bilac, 1997: 883).*

A preocupação nacionalista no campo da educação ganhou muita importância com a publicação em 1906 do livro *Educação Nacional*, de José Veríssimo. Nele, o autor defende o abasileiramento do livro usado nas escolas, com a finalidade de formar cidadãos patriotas. Carlos Jansen já havia traduzido importantes livros da literatura universal (*Robinson Crusoe*, *Mil e uma noites*, *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen*), mas ainda estávamos longe do Sítio do Picapau Amarelo de Monteiro Lobato (1882-1948), no que diz respeito à nacionalização de temas e argumentos. A postura de José Veríssimo é muito clara:

Neste levantamento geral que é preciso promover a favor da educação nacional, uma das mais necessárias reformas é a do livro de leitura. Cumpre de quele seja brasileiro, não só feito por brasileiro, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime. (Citado de Zilberman e Lajolo, 1993: 272)

Semelhante intuito nacionalista persegue Affonso Celso Júnior quando dedica aos seus dois filhos o livro *Porque me ufano do meu paiz*:

Ousa afirmar muita gente que ser brasileiro importa condição de inferioridade. Ignorancia ou má fé! Ser brasileiro significa distinção e vantagem. Assiste-vos o direito de proclamar, cheios de desvanecimento, a vossa origem, sem receio de confrontar o Brazil com os primeiros paizes do mundo. (Celso, 1901: 2)

Com o objectivo de “despertar nas almas jovens o amor da patria” (Bilac e Netto, 1926: 383) Olavo Bilac escreveu em parceria com Coelho Netto (1864-1934), em 1895, os livros *Contos pátrios e A pátria brasileira*, que viriam a ser publicados mais tarde, em 1904 e 1909, respectivamente. E já em 1910, conjuntamente com Manuel Bonfim, publica *Atravez do Brasil*. Todos os livros foram editados pela Livraria Francisco Alves, do Rio de Janeiro, e visavam o ensino nas Escolas Primárias do Brasil.

Da mesma forma que a República seguia modelos europeus ou norte-americanos para os seus padrões de desenvolvimento e modernização, os textos encaminhados aos estudantes das Escolas Primárias ficaram marcados “pelo transplante de temas e textos europeus adaptados à linguagem brasileira” (Zilberman e Lajolo, 1993: 17). Os dois modelos fundamentais para os livros de Olavo Bilac são *Le tour de la France par deux enfants. Devoir et Patrie*, de G. Bruno, pseudónimo de M.me Augustine Fouillée, de 1877, e *Cuore*, de Edmondo De Amicis (1846-1908), de 1886; este segundo logo traduzido do italiano para o português com o título de *Coração* (concretamente, em 1891, por João Ribeiro).

O livro francês narra a história de dois irmãos, André e Julien, que abandonam a Alsácia-Lorena, considerada no livro terra francesa, embora, como sabemos, desde 1870 sob domínio alemão devido à derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana, e fazem um longo percurso pela França. Nesta viagem têm a oportunidade de conhecer os grandes nomes da história da França, a sua geografia, as suas cidades, as suas indústrias, os seus costumes, etc., para finalmente voltar à vila natal e requisitar a cidadania francesa, passando a conquistar a pátria como prémio da sua longa viagem: “Ils songèrent à la France; ils étaient heureux de lui appartenir et d’avoir une patrie”. (Bruno, 1997: 276). Diversas lições morais salpicam esta viagem: caridade, perseverança, honestidade, união da família, importância do trabalho, etc. A pátria ganha ainda mais força quando da lei francesa de separação entre o Estado e a Igreja, de 1905. A edição de 1906, “révisée”, expulsa Deus e a pátria passa, assim, a ocupar todo o espaço deixado por este.

Por sua parte, o livro italiano apareceu numa Itália recentemente unificada e visa uma união social ainda inexistente na península transalpina. Sob a forma do diário de Enrico, passamos a conhecer a história de um ano escolar italiano, de Outubro a Julho, com alunos de todas as regiões do novo país, para que o leitor adquira uma visão emblemática da Itália recentemente liberada e unificada. Doze narrações protagonizadas por diferentes crianças de outras tantas regiões intercalam-se no diário, amenizam o texto e oferecem um lição moral ao leitor baseada na tríade Pátria, Família e Escola, sendo esta última fornecedora do alfabeto, a língua, facilitando a integração social do novo país.

Os dois livros são pacifistas, pois G. Bruno não arremete contra os alemães e só defende a rivalidade entre as nações no campo do progresso económico (inclusive traça uma história da França bastante pacífica, onde Napoleão não tem nenhum protagonismo; personagem demasiado guerreira), e De Amicis só elogia a "Guerre di Difessa dei Sacri Confini". Tanto é assim, que a narração acontece no ano 1881-82, possivelmente para ignorar a guerra colonial que a nova Itália já começava a travar na época de redacção do livro. O exército serve como baluarte de defesa e união da pátria, dois princípios indiscutíveis. Os dois livros também concordam em evitar a questão social, bastam os bons sentimentos e os bons princípios morais para solucionar todos os problemas. Uma novidade importante que compartilham ambos os livros é que não enveredam pelo caminho dos livros enciclopédicos tão comuns na época, tipo o *Manual Encyclopedico para uso das Escolas de Instrução Primaria* de Emilio Achilles Monteverde (1803-1881), usado em Portugal e no Brasil, ou, mais próximo à época dos nossos autores, o *Pão nosso ou leituras elementares e encyclopédicas para uso do povo* de Trindade Coelho (1861-1908), publicado em 1904.

Por último, ambos os textos apelam ao sentimento do leitor para que a mensagem patriótica e de virtudes cidadãs entre não só pela razão, mas também pelo coração. Edmondo De Amicis nas suas cartas ao seu editor é, inclusive, muito explícito: "per fare un libro nuovo e forte bisogna che lo faccia colla facoltà nella quale mi sento superiore agli altri - col cuore" (Citado da "Introduzione", pp. 5-21, assinada por Gilberto Finzi, do livro *Cuore*. De Amicis, 1984: 8).

O livro de Olavo Bilac e Manoel Bonfim apresenta-se, da mesma forma que os seus modelos europeus, como um "único livro destinado às classes", neste caso do curso médio das Escolas Primárias do Brasil (Bilac e Bonfim, 1910: V). Também não segue a tradição dos manuais enciclopédicos, pois "esse erro se tem repetido em diversas produções destinadas ao ensino, e que são verdadeiros amontoados didacticos, sem unidade e sem nexos, através de cujas paginas inspidas se desorienta e perde a intelligencia da criança" (Bilac e Bonfim, 1910: VI). Seguindo a linha marcada por Bruno e De Amicis, este livro potencia o conhecimento do Brasil, "as suas gentes, os seus costumes, as suas paisagens, os seus aspectos distinctivos", as suas indústrias, o novo cais do Rio de Janeiro, as plantações de café e erva mate, a efervescente cidade de São Paulo, etc. (Bilac e Bonfim, 1910: VII), com a intenção de deixar uma marca na mente e no coração do estudante: "Não se pode influir effcazmente sobre o espirito da criança e captar-lhe a attenção, sem lhe falar ao sentimento (...) e lhe conquistar o coração" (Bilac e Bonfim, 1910: VIII). Os autores são conscientes disso e inclusive, para captar a atenção do jovem leitor, deixam que na primeira parte do livro predomine a narração para, aos poucos, ir introduzindo a descrição do Brasil visitado.

Carlos e Alfredo são dois irmãos órfãos de mãe que moram no Recife internos num colégio, pois o pai deles, engenheiro, trabalha no interior. Recebem a triste notícia de que o pai está doente e decidem ir ter com ele. Enfrentam uma dura viagem pelo interior do Nordeste para vir a saber, finalmente, que o pai morrera. Devem, então, recorrer aos seus parentes do Rio Grande do Sul. Começam uma longa viagem que os levará a conhecer o jovem Juvêncio, "sympathico, moreno, entre caboclo e mulato" (Bilac e Bonfim, 1910: 69), também com uma história familiar trágica, com quem logo estabelecerão uma profunda amizade e compartilharão algumas aventuras antes da separação que levará o amigo ao Amazonas, enquanto Carlos e Alfredo seguem rumo a Rio Grande do Sul. Nesse percurso pelo Brasil passam a conhecer todos os prodígios que a civilização traz consigo para bem do Brasil. Temos que lembrar que o leitor não só lê a respeito dessas maravilhas, senão que também as vê nas mais de sessenta fotos que ilustram o livro. Quando chegam ao Rio Grande do Sul recebem então a feliz e definitiva notícia de que o seu pai segue vivo, encontra-se no Recife e logo irá ter com eles com o amigo Juvêncio, há muitos capítulos desaparecido. O final feliz, esperado, encerra perfeitamente uma longa viagem pelo Brasil civilizado segundo os padrões ideológicos da *belle époque*.

Neste ano em que comemoramos os 500 anos da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, são muitas as publicações, exposições e congressos que debatem sobre o que é que é ser brasileiro. Embora a maioria dos meios de comunicação de massas, por regra geral menos rigorosos do que seria de desejar, fale do nascimento do Brasil em 1500, os intelectuais mais respeitados reduzem os anos do país e procuram estudar e explicar a obra dos políticos, militares, eruditos, etc., que ajudaram a conformar isso que actualmente chamamos Brasil, sabendo que este estudo tem que se enquadrar dentro de um processo em constante andamento. Assim, temos que aplaudir a aparição, este ano, de uma nova edição do livro de Olavo Bilac e Manoel Bonfim, com introdução da professora Marisa Lajolo. Mesmo tendo sido uma obra inúmeras vezes editada, actualmente não era de fácil aquisição. Gostaríamos, isso sim, de chamar atenção para alguns detalhes que poderiam ser melhorados numa próxima edição. Primeiro, a organizadora usou como base para a sua edição a 43ª, publicada em 1958 pela Livraria Francisco Alves, sem explicar os motivos da escolha. Por sua vez, na antologia comentada de literatura infantil, *Um Brasil para as crianças*, que publicou conjuntamente com a professora Regina Zilberman, em 1986, a edição utilizada era a de 1931. Pensamos que o melhor nestes casos é ir à primeira edição, não por simples prurido académico, mas porque há importantes diferenças entre a edição de 1910, base desta nossa comunicação, e as usadas pela professora Marisa Lajolo. Assim, muitas correcções estilísticas (hemos de atribuí-las aos autores ou ao editor?) do tipo “a indicação pedagógica seguida hoje” (1910: V) frente “a indicação pedagógica aconselhada hoje” (1931 e 1958: V), ou ainda mais significativas, aparecem a cada página que passamos. Por outro lado, encontramos importantes variações no índice dos capítulos e nos conteúdos deles, que podemos exemplificar com as seguintes amostras: o texto de 1958 inclui um capítulo XXIV titulado *O algodão*, do qual a primeira edição nada diz ao respeito e, por outro lado, o episódio do apresamento de Juvêncio, amigo dos protagonistas, quando é confundido com um ladrão de cavalos, é muito mais dramático na primeira edição do que na de 1958, pois enquanto na primeira edição o rapaz é realmente espancado e amarrado a uma tronco, “instrumento de tortura” (p. 151), na 43ª edição simplesmente o enfiam num “quarto escuro” (p. 209). Já na “Advertência” inicial, a primeira edição avisa da presença de “cousas e scenas, que talvez pareçam crueis” (Bilac e Bonfim, 1910: VIII), trecho cancelado, como muitos outros, na edição de 1958. Outro detalhe significativo, possivelmente devido a motivos técnicos ou pecuniários da editora, é a ausência das belíssimas fotos, mais de sessenta, que aparecem na edição de 1910, o que a aproxima mais ainda ao livro francês que lhe serve como modelo, pois este possuía muitas e interessantíssimas gravuras.

Assim mesmo, temos também que discordar de certos aspectos da introdução da professora Marisa Lajolo, pois estabelece um nexo de ligação entre *Atravez do Brasil* e uma linhagem de literatura de viagens que começa na Grécia clássica que, pensamos, é um intento inecessário de apresentar o livro de Bilac e Bonfim como algo mais do que um simples livro escolar. Além do mais, situar *Atravez do Brasil* “numa galeria (...) mais canônica das letras brasileiras” em que estariam Alencar e Mário de Andrade, é estabelecer uma leitura do texto desde o prisma único instaurado pela Semana de Arte Moderna de 1922 (Citado da introdução, pp. 11-32, assinada por Marisa Lajolo, ao livro *Através do Brasil*. Bilac e Bonfim, 2000: 29). Pensamos que, se bem há uma evidente proximidade cultural e cronológica entre Bilac-Bonfim com a Semana de 22, são, no entanto, dois projectos diferentes, pois a proposta dos membros que procuravam regenerar o país durante a belle époque, modernizá-lo, situá-lo no caminho estabelecido pelos modelos europeus e norte-americanos, não é a mesma que a dos modernistas, que acabaram por lançar o magistral movimento antropofágico. São duas propostas ideológicas diferentes para o Brasil, sendo que a dos modernistas, da qual nós somos herdeiros, foi a que com maior força conformou o nosso imaginário actual, pelo menos academicamente, embora nos últimos tempos se tenha debatido muito a esse respeito. Separar as propostas dos regeneracionistas do começo do século da dos modernistas da década de vinte é um passo fundamental para entender no seu contexto a obra de Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Estamos perante um texto, *Atravez do Brasil*, com uma função estética absolutamente em função da mensagem ideológica de progresso e modernização proposta pelos autores, que nos serve de forma exemplar para compreender um sério projecto educativo e civilizatório para o Brasil que, embora não tenha tido todo o êxito histórico que perseguia, deixou importantes traços na cultura brasileira.

Antes de concluir, queremos ressaltar que estes modelos europeus citados anteriormente foram fecundos no Brasil, mas também tiveram a sua influência, menor e mais tardia, em Portugal. Assim, em Abril de 1926, pouco antes do golpe do 28 de Maio, Armando Augusto Gonçalves de Moraes e Castro e António Pereira Cardoso publicaram *Uma Viagem através das Colónias Portuguesas*. O livro é uma série de oito cartas de amor que Mário escreve para a sua prometida Maria durante um périplo pelos territórios de Ultramar, que o leva a Cabo Verde, Guiné, S. Tomé, Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor. Nestas cartas, além das palavras carinhosas de rigor, descreve do

ponto de vista histórico, social e económico o que vê. Acaba a última carta com uma petição que nos aproxima muito ao projecto pedagógico de Olavo Bilac e Manoel Bonfim:

Querida, preciosa Amiga! Pudessem estas minhas pequeninas afirmações, que alinhavo à pressa, e com a pressa de chegar ao fim, sêrem bem conhecidas de todos os que falam a suave língua portuguesa!

E nas escolas as ensinassem, como um abc moral da criançada! (Castro e Cardoso, 1926: 239)

Ao mesmo tempo que reconhecemos o tema da viagem como forma de conhecer, apreender e amar a nação, neste caso as colónias portuguesas de África e da Ásia, o tom emotivo das cartas faz-nos lembrar a prosa de De Amicis. Este texto não teve uma repercussão semelhante aos anteriores, nem foi directamente pensado para as escolas, mas pensamos que não há dúvida de que se alinha na mesma tradição literária. Esta mesma ideia da viagem pelo país com finalidade patriótica não é muito distante das palavras com as quais Raúl Proença termina o seu prefácio ao *Guia de Portugal*:

... este livro, feito pelo amor e pelo espírito de veracidade de alguns Portugueses para concitar e adjurar a infinita piedade portuguesa, merecerá talvez, pelo muito que os outros já fizeram e ainda farão, e pelo pouco que eu vier ainda a fazer, ser denominado com justiça - o Livro de Amor e Devoção de Portugal. (Proença, 1924: LXI)

Pensamos, pelo exposto acima, que voltar ao livro *Através do Brasil* de Olavo Bilac e Manoel Bonfim é uma excelente forma de revisitar diacronicamente o Brasil, de repensar uma etapa fundamental da sua conformação político-social e, ao contrastá-la com as visões dominantes do imaginário brasileiro actual, poder matizar interpretações e realçar valiosos contrastes.

BIBLIOGRAFÍA

- BILAC, Olavo, 1997, *Obra reunida*, org. e intr. de Alexei Bueno, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- BILAC, Olavo e BONFIM, Manoel, 1910, *Através do Brasil (Narrativa): Livro de Leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- BILAC, Olavo e BONFIM, Manoel, 2000, *Através do Brasil: prática da língua portuguesa: narrativa*, org. Marisa Lajolo, São Paulo, Companhia das Letras.
- BILAC, Olavo e COELHO, Netto, 1926, *A Patria Brasileira: Educação Moral e Cívica*, 18ª edição, Rio de Janeiro.
- BONFIM, Manoel, s. d., *A America Latina: males de origem (O parasitismo social e evolução)*, 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora A Noite (possivelmente de 1938).
- BRUNO, G., 1977, *Le Tour de la France par deux enfants: Devoir et Patrie*, Tours, Librairie Classique Eugène Belin (edição facsimilar da primeira de 1877).
- CASTRO, Armando Augusto Gonçalves de Moraes e CARDOSO, Antonio Pereira, 1926, *Uma viagem através das colónias portuguesas*, Porto, Companhia Portuguesa Editora.
- CELSO, Afonso, 1901, *Porque me ufano do meu paiz: right or wrong, my country*, 2ª edição revista, Rio de Janeiro, Laemmert & C. - Editores.
- CHIAPPINI, Ligia, 1988, *No entretanto dos tempos: Literatura e História em João Simões Lopes Neto*, São Paulo, Livraria Martins Fontes.
- DE AMICIS, Edmondo, 1984, *Cuore*, introdução de Gilberto Finzi, Milão, Mondadori (este exemplar reproduz o da primeira edição de 1886).
- DÍAZ VILLAMIL, Antonio, 1997, *Leyendas de mi Tierra*, La Paz, Librería Editorial "Juventud".
- PROENÇA, Raúl, 1924, "Prefácio", *Guia de Portugal*, volume I, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, pp. LV-LXI.
- SEVCENKO, Nicolau, 1998, "O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso", *História da Vida Privada do Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*, volume 3, coord. Nicolau Sevcenko, São Paulo, Companhia das Letras, pp. 7-48.
- ZILBERMAN, Regina, LAJOLO, Marisa, 1993, *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*, 4ª edição, São Paulo, Global (Primeira edição de 1986).

